

Cármem Maciel (coordenação)

SociNova Migrações, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

As comemorações dos 50 anos dos Tratados de Roma trazem a debate público “novas experiências” decorrentes de diversos processos de transformação que as sociedades europeias têm vindo a experimentar, e colocam em evidência e questionamento noções tão ambíguas como identidade, diversidade, hospitalidade e xenofobia. Termos com fortes conotações políticas, sociais, culturais e religiosas, que nos colocam perante escolhas aparentemente simples: o que privilegiar, o idêntico ou o diverso? A semelhança ou a diferença? Aceitar ou rejeitar? Integrar ou excluir?

O contexto do debate também não é simples pois envolve questões como o tratamento das minorias, ou a importância que as políticas de imigração devem ter nas agendas dos Estados membros; ou ainda a confrontação mediática com imagens chocantes de centenas de Homens que chegam todos os dias e de forma clandestina à Europa em busca de condições de sobrevivência.

Se é verdade que os Estados membros proclamam por um lado a ideia de que “somos todos iguais” (perante a lei e/ou perante Deus), por outro exaltam a liberdade dos indivíduos/grupos que partilharem características e valores específicos que os diferenciam dos demais. Neste suposto dualismo, o universalismo é acusado de totalitário e o particularismo de discriminatório e defensor de desigualdades.

A noção de tolerância, acompanhada ou não da reivindicação de reconhecimento, na teoria e na prática, do outro como outro e de respeito mútuo às diferenças, recentra as percepções para aqueles que chegam de além-fronteiras europeias. Quer se trate de situações específicas derivadas da pluralidade religiosa (de que o uso de símbolos religiosos por parte de estudantes em França é um exemplo); do reconhecimento das diferenças de género ou de orientações sexuais (movimentos de *gays*, lésbicas ou bissexuais); de direitos de grupos etários (como as crianças e os idosos); de desigualdades ancoradas em pertença étnica; da valorização das diversas expressões culturais ligadas a traços identitários; todas as sociedades europeias se confrontam com a necessidade de lidar com valores e referências de fluxos migratórios cada vez mais diversos.

O projecto supranacional europeu, construindo uma identidade comum assente nas peculiaridades distintas herdadas da história, dificilmente poderá esquecer as incorporações do último meio século, tendo presente o alcance dos objectivos da constituição que assentam no pluralismo, na tolerância, na justiça, na solidariedade e na não discriminação.

A construção da “Europa dos valores” passa por compromissos políticos, culturais, sociais, religiosos e económicos, que a discussão em torno dos conceitos de identidade, diversidade, xenofobia e hospitalidade, tematizadas no conjunto de “teses” que ora se segue, procura reflectir.